IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

ENTRE A SALA DE AULA E A SOLIDÃO: OS RELACIONAMENTOS AFETIVO- SEXUAIS DE PROFESSORES NEGROS E GAYS[1]

EIXO TEMÁTICO 08: CORPOS QUEER QUE TRANSITAM NO/COM OS CURRÍCULOS

Mário Lucas Alves dos Santos [UESB][2]
Marcos Lopes de Souza [UESB][3]
Maria de Fátima de Andrade Ferreira [UESB][4]

RESUMO: Este artigo discute como professores negros e gays lidam com os seus relacionamentos afetivo-sexuais frente ao patrulhamento a respeito da sexualidade imposta pela sociedade branca e cisheteronormativa. Como procedimento metodológico, trabalharemos com a entrevista narrativa, apresentando e discutindo as narrativas de dois professores negros e gays. O primeiro participante da pesquisa (Alves) é também o autor deste trabalho, um professor negro, gay, 36 anos, em uma relação estável de sete anos com um homem branco da mesma idade e profissão. O outro participate da pesquisa (Miguel[5]) é um professor negro e gay, com 41 anos, residente no campo, que deseja um relacionamento amoroso e constituir uma família, mas tem a convicção de que isso é ilusório. As vidas desses dois professores se cruzam ao atuarem na docência em uma mesma escola do interior baiano. Também entendem o quanto a objetificação do corpo negro os afeta, já que, embora sejam desejados sexualmente são preteridos para os relacionamentos afetivos.

Palavras-chave: Docência, homossexualidade, negritude, interseccionalidades, relações afetivo- sexuais.

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga as experiências afetivas de professores negros que se identificam como gays. Ao analisar essas vivências em sala de aula, um espaço tradicional de aprendizado

[1] Este trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
[2] Mestrando do Programa em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), com área de concentração em Relações Étnicas, Gênero e Sociedade, campus de Jequié (BA). Email: mls.lukas@hotmail.com
[3] Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas da UESB. Docente permanente do PPGREC e do PPGECFP, ambos da UESB, campus de Jequié (BA). Email: markuslopessouza@gmail.com.
[4] Professora Pleno do Departamento do curso de Pedagogia da UESB e docente permanente do PPGREC da UESB, campus de Jequié (BA). Email: mferreira@uesb.edu.br
[5] Pseudônimo utilizado para garantir o anonimato do participante.

e troca de saberes, problematizamos as complexas dinâmicas sociais e afetivas que permeiam a vida desses educadores.

A curiosidade é um aspecto frequente sobre a vida dos professores. Os(As) alunos(as) querem saber sobre a vida pessoal dos professores, especialmente em relação aos seus relacionamentos afetivos. Isso é reverberado nas perguntas como: “Professor, você tem namorada(o)?” ou “O senhor tem filhos?”. Esses questionamentos não apenas refletem a curiosidade juvenil, mas também evidenciam as expectativas normativas que influenciam as interações entre docentes e discentes. No caso de professores negros e gays, por exemplo, ser interpelado por esta pergunta pode significar o desejo de tirar o professor do “armário”. Essa situação se torna mais complexa para professores negros e gays, que enfrentam não apenas a curiosidade, mas também a pressão da conformidade a padrões impostos por sociedade cisheteronormativa e branca.

Para compreender melhor as experiências dos professores negros que se identificam como gays, dialogamos com Angela Davis (2016), que enfatiza a necessidade de incluir as intersecções de diversas identidades na luta pela liberdade. A opressão racial e sexual frequentemente se entrelaçam, criando dinâmicas únicas de exclusão que desafiam as narrativas predominantes na academia e na sociedade. A voz desses educadores é, portanto, fundamental para construir uma compreensão mais plural das relações sociais, transformando a sala de aula em um espaço não apenas de ensino, mas também de vivências afetivas que desafiam normas.

Collins e Bilge (2021) ao destacarem a relevância da interseccionalidade, permite analisar como as múltiplas formas de opressão se manifestam singularmente nas vidas desses educadores. A interseção de ser negro, gay e professor coloca esses indivíduos em constante negociação entre suas identidades e as expectativas normativas da sociedade branca, evidenciando a solidão que frequentemente pode permear suas experiências afetivas.

CAMINHO METODOLÓGICO

Este trabalho pauta-se na abordagem qualitativa, utilizando-se da entrevista narrativa, pois esta possibilita recordar memórias das situações vividas, em uma nova leitura, tratando-se de lembranças reelaboradas a partir de outras vivências (Jovchelovich; Bauer, 2002). Nesta pesquisa, a entrevista permitiu compreender a vida de dois professores que, apesar de compartilharem características comuns em suas identidades étnico-racial e sexual, vivenciam realidades distintas.

O primeiro educador e participante da pesquisa (Alves) professor, 36 anos, mantém uma relação estável com um homem branco e enfrenta desafios nessa dinâmica do ambiente escolar. O segundo professor (Miguel) tem 41 anos, é residente em uma área rural, anseia por amor e a construção de uma família, embora considere que esse desejo, muitas vezes, está no campo da ilusão. É importante destacar que a Bahia, apesar de sua rica diversidade cultural, registra altos índices de homicídios de pessoas negras e da comunidade LGBTTQIAPN+, o que contribui para um ambiente de insegurança para educadores pertencentes a esses grupos.

A DOR DO SILÊNCIO: EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR ALVES

Escrever este parágrafo é um exercício doloroso, pois evocam feridas ainda não cicatrizadas. Minha vivência como professor negro e gay, na qual mantenho um relacionamento estável com um homem branco, expõe a luta contra múltiplas formas de discriminação. Apesar do relacionamento que partilhamos enfrentamos barreiras que dificultam nossa plena integração no ambiente profissional.

No início de cada ano letivo, a curiosidade dos alunos sobre minha vida amorosa é muito recorrente. Perguntas como “Você tem namorada(o)?” revelam preconceitos que evidenciam a invisibilidade das relações homoafetivas e a necessidade de silêncio como forma de proteção (hooks, 2019). Da mesma forma, os colegas que sondam minha vida pessoal não mostram disposição para uma escuta genuína, resultando em uma solidão profunda, pois muitos não conseguem acolher e preferem me julgar.

Esse cenário contribui para um isolamento social que se intensifica em confraternizações, como as festas realizadas na escola. Enquanto os cônjuges e namorados das minhas colegas de trabalho são acolhidos respeitosamente, eu me vejo na posição dolorosa de não poder levar meu namorado. De acordo com Gomes (2022), professores gays enfrentam frequentemente julgamentos em seus ambientes de trabalho, uma realidade que ressoa profundamente em minha própria experiência. O medo de ser condenado dificultam a minha capacidade de expressar abertamente meus sentimentos. Sinto-me coagido a esconder minha vida afetiva, gerando um ambiente de exclusão e solidão que impacta negativamente minha experiência profissional e emocional. Além disso, o contraste entre a liberdade de expressão do amor entre casais heterossexuais e a necessidade de silenciar meu relacionamento torna-se uma fonte de dor contínua.

Essa tensão opressiva reforça a luta diária que enfrento ao tentar equilibrar minha identidade sexual e meu papel como educador. Assim, festividades que deveriam simbolizar

união transformam-se em lembranças amargas de um amor não celebrado e não aceito. O fenômeno do duplo estigma, abordado por Collins e Bilge (2021) por meio do conceito de interseccionalidade, ilustra como opressões raciais e sexuais se entrelaçam, demandando uma compreensão mais profunda das realidades vividas.

Desta forma, em minha busca por uma verdadeira intimidade social, anseio por um futuro no qual poderá compartilhar meu amor sem medo do preconceito. Reconheço a importância da resiliência e do autocuidado na luta contra o racismo e a homofobia, mesmo sabendo que um aspecto fundamental da minha vida permanece invisível. Assim, continuo minha jornada em busca de aceitação e compreensão, não apenas para mim, mas também para todos aqueles que compartilham lutas semelhantes.

DESAFIOS DE IDENTIDADE DO PROFESSOR MIGUEL

O acesso à educação superior no Brasil representa um grande desafio, especialmente para crianças negras, como sinalizado por Lélia Gonzalez (2020), ao destacar que a falta de oportunidades igualitárias perpetua um ciclo de exclusão. Miguel, um professor negro e gay, com 42 anos do interior da Bahia, é o primeiro da família a ingressar no ensino superior, simbolizando uma conquista significativa. Para isso, enfrentou consideráveis obstáculos ao utilizar três meios de transporte para chegar à faculdade e equilibrar trabalho diurno e estudos noturnos o que reflete sua determinação e resiliência.

Apesar de algumas iniciativas de inclusão, as dificuldades persistem. Miguel foi convidado a lecionar, nesta nova experiência descobriu não apenas os desafios educacionais, mas também as complexas emoções das relações humanas. Durante a juventude, ele teve algumas experiências afetivo-sexuais com outros homens, porém, quando se tornou adulto, preferiu não vivenciar mais essas experiências com receio de que as pessoas percebessem que ele era gay.

Quando passou a lecionar como professor de Língua Portuguesa em uma turma de Educação de Jovens e Adultos no noturno, conheceu uma aluna maior de idade e acabou se envolvendo com ela e os dois tiveram um filho. Porém, mesmo tendo essa vivência afetiva-sexual, Miguel percebia que gostava de outros homens, embora não conseguisse assumir-se como tal.

Tempos depois, ele se sente atraído por um aluno adulto que também sentiu interesse por ele. Porém, este aluno era casado com uma mulher. Após o aluno se declarar, Miguel enfrentou um dilema emocional. Consciente das implicações deste possível relacionamento,

pediu afastamento, pois não conseguiu lidar com a sociedade machista, homofóbica e racista em que vive. Com o tempo, Miguel aceitou para si mesmo sua identidade como um homem negro e gay, um processo libertador de um lado, mas que trouxe outros desafios, já que ele não se assume publicamente como tal.

A obra de Frantz Fanon (2008) oferece uma compreensão significativa da alienação e do racismo, aspectos que afetam profundamente as existências de pessoas marginalizadas. A partir dessa perspectiva, observamos como professores negros e gays se veem constantemente forçados a negociar entre aceitação e marginalização, tanto em suas profissões quanto em suas relações íntimas. A sala de aula, assim, torna-se um campo de luta pela identidade, na qual o ato de ensinar é marcado por um desejo de conexão e um temor do desprezo.

As contribuições de Osmundo Pinho e Rolf Malungo de Souza (2019) ampliam a discussão sobre os homens negros gays frequentemente enfrentam a difícil questão de estabelecer relações não marcadas pela fetichização de seus corpos. Esses desafios revelam a necessidade de discussões mais profundas sobre a interseccionalidade nas vivências desses indivíduos. Ao investigar os relacionamentos afetivo-sexuais desses professores, buscamos compreender como, através do amor e da intimidade, eles desafiam normas sociais opressivas.

Atualmente, Miguel continua sua jornada, refletindo sobre suas escolhas e as barreiras que enfrenta. Ele se depara com as dificuldades diárias, especialmente por morar e lecionar em uma escola do campo, mas mantém a esperança de que ainda há espaço para aprendizado e renovação, reconhecendo a essencial busca por aceitação e amor em meio às adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas destacam as experiências de professores negros que se identificam como gays, colocando em evidência as diversas formas de discriminação que enfrentam em suas vidas pessoais e profissionais. A narrativa de Miguel, um educador que supera barreiras significativas em busca de educação e aceitação, exemplifica a luta diária pela inclusão e dignidade em um ambiente frequentemente hostil.

A análise do fenômeno da curiosidade e das perguntas dos alunos sobre a vida amorosa desses educadores revela como a cultura cisheteronormativa molda interações sociais e práticas pedagógicas, perpetuando o silenciamento e a invisibilidade de suas realidades afetivas. Como sinalizado por bell hooks (2022), essas dinâmicas exigem um ambiente empático e respeitoso, onde a escuta e a compreensão se tornam essenciais para a construção de uma educação inclusiva.

A experiência de Miguel também ressalta a importância do autocuidado e da resiliência, enquanto ele busca equilibrar sua vida pessoal e profissional em um mundo que, muitas vezes, marginaliza suas identidades. Em última análise, este artigo convoca educadores, estudantes e a sociedade a refletir sobre a importância de promover um ambiente escolar acolhedor que valorize todas as vozes e histórias, contribuindo para a construção de comunidades mais justas e equitativas. A luta por aceitação e reconhecimento não é apenas uma jornada pessoal, mas um chamado coletivo para que todos os indivíduos possam expressar seu amor e suas identidades sem medo ou vergonha.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios; Márcia Lima (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GOMES, Marcos Maurício Gondim**. Professores gays, quem se importa com eles? Um estudo autoetnográfico da homofobia contra professores gays nas escolas.** São Paulo: Appris, 2022.

hooks, bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. **A gente é da hora:** homens negros e masculinidades. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W**.** Entrevista Narrativa. *In:* BAUER, Martin W., Gaskell George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

PINHO, Osmundo; SOUZA, Rolf Malungo de. Subjetividade, Cultura e Poder: Politizando Masculinidades Negras. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 5, n. 2, p. 40-46, 2019.